

Pandemia da Covid-19: aspectos da teodiceia cristã no discurso de padres católico-romanos e pastores batistas brasileiros.

Covid-19 pandemic: aspects of Christian theodicy in the discourse of Roman Catholic priests and Brazilian Baptist pastors.

Glair Alonso Arruda*

Recebido: 04/10/2020

Aprovado: 03/11/2020

Resumo:

Este estudo teve origem em uma consulta informal realizada *online* no início do mês de junho de 2020 a um grupo de líderes cristãos a respeito do impacto da pandemia da Covid-19 nas concepções e ações de suas comunidades, procurando averiguar suas posturas diante do tema da pobreza. Neste artigo, desenvolvemos um dos aspectos levantados naquela pesquisa, qual seja, a teodiceia relativa à pobreza no relato de 18 padres católico-romanos e 19 pastores batistas, analisada à luz das considerações de Peter Berger sobre teodiceia e de Rodney Stark sobre as epidemias no início do Cristianismo. Buscamos verificar na opinião dos sujeitos consultados quais os tipos de teodiceias em relação à pobreza estão implícitos nas convicções declaradas no contexto da pandemia. Nossos achados mostraram a tendência a uma teodiceia centrada no humano, que coloca como pergunta chave não mais a clássica «por que Deus permitiu isso»? Mas, «por que os seres humanos fizeram isso»? E coloca nas mãos dos cristãos a responsabilidade de agir para prover condições sociais mais justas, por meio do amor e cuidado de uns para com os outros.

Palavras-chave: teodiceias, pandemia, pobreza, discurso religioso.

Abstract:

This study originated from an informal online consultation held in early June 2020 with a group of Christian leaders regarding the impact of the Covid-19 pandemic on the conceptions and actions of their communities, seeking to ascertain their attitudes towards the issue of poverty. In this article, we develop one of the aspects raised in that research, namely, the theodicy regarding poverty in the account of 18 Roman Catholic priests and 19 Baptist pastors, analyzed in the light of Peter Berger's considerations on theodicy and Rodney Stark's considerations on epidemics at the beginning of Christianity. We sought to verify in the opinion of the subjects consulted which types of theodicy in relation to poverty are implicit in the convictions declared in the context of the pandemic. Our findings showed the tendency to a theodicy centered on the human, which puts as a key question no longer the classic «why did God allow this»? but «why did human beings do this»? and places in the hands of Christians the responsibility to act to provide more just social conditions, through love and care for each other.

Keywords: theodicy, pandemic, poverty, religious discourse.

* Glair Alonso Arruda é mestre e doutoranda em Ciência da Religião pela PUC-SP. E-mail: glair.arruda@terra.com.br. (Orcid: 0000-0003-2449-6373).

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa informal, realizada no início de julho de 2020, quando a pandemia da Covid19 estava em franca ascensão no Brasil. No dia 02 de julho, quando 1.496.858 pessoas já tinham sido contaminadas pelo vírus, das quais 61.884 perderam a vida¹, enviamos um questionário *online* a pastores, padres ou líderes cristãos a fim de verificar suas ações e convicções a respeito da pobreza diante da situação de pandemia. Como retorno, obtivemos 83 respostas, e a análise desses resultados gerou a publicação de um primeiro artigo, publicado no *International Journal of Latin American Religions* em outubro de 2020². Outros aspectos, não desenvolvidos naquele estudo, deram origem a uma nova reflexão, qual seja, verificar a teodiceia suscitada pela pandemia da Covid-19 e presente no discurso de padres católico-romanos e pastores batistas³. O recorte, realizado desta vez, teve como foco os 18 padres e os 19 pastores que responderam ao questionário.

Como referencial teórico, adotamos a argumentação de Peter Berger em *O Dossel Sagrado* (1985), que por sua vez desenvolve e expande as categorias weberianas de teodiceia (WEBER, 2015). Para teorizar a questão da pandemia especificamente no contexto cristão, utilizamos a argumentação desenvolvida por Rodney Stark em *O crescimento do cristianismo* (2008), que analisa a ascensão do Cristianismo a partir da documentação do período patrístico.

Neste artigo, nos dedicamos a analisar as respostas que 37 líderes (18 padres católico-romanos e 19 pastores batistas, de um grupo total de 83 líderes cristãos) forneceram a seguintes perguntas abertas: (1). Na sua opinião, qual a razão de existirem pobres?; (2). Suas convicções sobre a questão da pobreza foram confirmadas, ajustadas ou alteradas em função da pandemia? De que maneira?; (3). Como você entende a frase bíblica: «Sempre haverá pobres na terra» (Dt 15,4-11; citado por Jesus em Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8; Lc 7,36-50)? Consultados no período de 10 dias (02 a 11 de junho de 2020), os sujeitos entrevistados responderam a um questionário online de perguntas fechadas, abertas, e híbridas abertas. A amostragem que nos interessou neste estudo refere-se às respostas desses líderes a três perguntas abertas no final do questionário.

¹ Casos oficiais da Covid-19 no Brasil; dados do Ministério da Saúde. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/> > acesso em 18 set. 2020. Até o mês de outubro, quando este artigo foi finalizado, o Brasil teve 4.906.833 casos confirmados com 145.987 pessoas que perderam a vida pela Covid-19. (Dados de 02 out. 2020)

² O artigo, com o título *The impact of the pandemic on the conception of poverty, discourse and praxis of Christian religious communities in Brazil from the perspective of their local leaders*, procurou verificar as ações e os discursos de líderes cristãos para mobilizar suas comunidades em relação à pobreza gerada pela pandemia.

³ A escolha que determinou esse recorte foi devido ao número de respostas obtidas em que o grupo de padres e pastores batistas se destacou no conjunto da mostra de 83 líderes cristãos. Doravante serão denominados padres e pastores.

As questões que buscamos verificar foram: (1) como os respondentes explicam as causas da pobreza; (2) como a pandemia afetou suas convicções a respeito da pobreza; (3) que tipo de teodiceia está implícita na explicação do texto bíblico de Mateus 26,6-13⁴ na interpretação desses líderes. As hipóteses iniciais da consulta imaginavam que as causas atribuídas pelos líderes cristãos consultados para a pobreza apontassem para fatores sociais e políticos; na segunda questão, a hipótese sustentava que o impacto da pandemia teria trazido uma reformulação no modo de pensar a pobreza; e, por fim, a teodiceia implícita na terceira questão apontaria para a hipótese de uma tendência ao messianismo, conforme a tipologia com a qual argumentaremos adiante.

As ideias frequentemente determinam comportamentos individuais e coletivos, podendo chegar inclusive a alterar o rumo da história (WEBER, 2015, STARK, 2008). Os conteúdos das crenças religiosas são provedores de sentido para as ações sociais e capazes de mobilização de recursos para as sociedades em que estão inseridos. É nesse aspecto que justificamos a relevância de se estudar a concepção a respeito das questões sociais diante das catástrofes que ocorrem na sociedade, conforme declarada pelos líderes religiosos que conduzem os fiéis de suas congregações especificamente no contexto da pandemia da Covid-19 que se abateu sobre o mundo no ano de 2020.

Para orientar nossa análise, levantamos primeiramente as respostas dos padres e pastores às perguntas abertas do questionário. Em seguida, buscamos entender as tendências apontadas nas respostas à luz dos referenciais teóricos, contextualizando-as ao momento atual de pandemia e crise social.

1. Causas da pobreza

Para a pergunta: «na sua opinião, qual a razão de existirem pobres»? Pudemos classificar seis tipos de respostas que mencionaram: (1) aspectos estruturais, (2) escolha individuais dos que estão na situação de privilégio econômico; (3) fraqueza espiritual; (4) escolhas individuais dos que são vítimas da pobreza; (5) pecado estrutural; (6) leis intrínsecas à natureza humana.

Por tratar-se de uma pergunta aberta, os líderes consultados tiveram liberdade para mencionar quantas causas desejassem, o que resultou em um total de 44 causas. A mais citada foi a de aspectos estruturais da sociedade (tipo 1, 18 menções, 40,9%), e as respostas incluíram a política socioeconômica, sistemas de dominação, opressão, desigualdade social, injustiças históricas de escravidão ou colonização. Em segundo lugar, foram mencionadas as escolhas individuais daqueles que detém privilégios (tipo 2, 15 menções, 34%): ganância, abuso de

⁴ O texto encontra-se em Dt 15,4-11, e é citado por Jesus nos evangelhos: Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8; Lc 7,36-50).

poder, egoísmo, corrupção, avareza, cobiça, insensibilidade ao outro, individualismo, acúmulo de riquezas. Em seguida, mencionou-se algum tipo de *pobreza espiritual* como causa da pobreza (tipo 3, 4 menções, 9%), como a desobediência a mandamentos divinos, ou o pecado individual, colocando sobre os seres humanos a causa da pobreza. Em quarto lugar, foram mencionadas causas relacionadas à escolha individual dos que se encontram em situação de pobreza (tipo 4, 3 menções, 6,8%), como a falta de empenho para sair da condição em que vivem, falta de aproveitamento de oportunidades, acomodação à condição em que se encontram, reforçando a ideia de que a causa está na própria vítima da pobreza. Em quinto lugar, mencionou-se uma causa mais ampla na estrutura da sociedade, o pecado estrutural (tipo 5, 2 menções, 4,5%), que atribui um sentido religioso às questões sociopolíticas. Por último, foram mencionadas causas naturais para a desigualdade na sociedade (tipo 6, 2 menções, 4,5%), consideradas intrínsecas à natureza humana ou atribuídas à criação de Deus. A tabela 1 mostra a distribuição das explicações fornecidas na pesquisa para as causas da pobreza. Notamos que os três últimos itens foram mencionados apenas por pastores batistas, mostrando a distinção de pensamento em relação ao tema.

Retomando: a grande maioria das explicações causais apontaram para motivos sociais, sem recorrer a explicações de caráter religioso (tipo 1, 18 menções, 40,9%). As causas apresentadas caracterizam-se por uma identidade relativamente vaga, como *o sistema, a desigualdade, a injustiça social*, etc. Essas observações, além de criar um distanciamento do fator causador da pobreza, atribuem ao sistema que gera pobreza um caráter absoluto (SUNG, 2015, p.106), incontrolável, impessoal; pensamento que tem como consequência a impossibilidade de se enxergar alternativas para combater os problemas da sociedade.

A segunda maior causa apontada foi de caráter pessoal, identificando a causa da pobreza como escolha individual de alguns privilegiados (tipo 2, 15 menções, 34%), como *sede de posse e ganância, individualismo exacerbado, acúmulo de riquezas nas mãos de poucos*. Esta opinião também revela um distanciamento do problema e a consequente dificuldade de solução.

Tabela 1: Distribuição das explicações para a causa de pobreza, segundo a opinião de padres católico-romanos e pastores batistas. Brasil, 2020.

CAUSAS DA POBREZA	QUANTIDADE DE MENÇÕES	TOTAL DE MENÇÕES	
	PADRES	PASTORES	
1. Aspectos estruturais: política sócio/econômica, sistemas de dominação, opressão, desigualdade social, injustiças históricas de escravidão ou colonização	10	8	18

2. Escolhas individuais dos ricos: ganância, abuso de poder, egoísmo, corrupção, avareza, cobiça, insensibilidade ao outro, individualismo, acúmulo de riquezas	8	7	15
3. Fraqueza espiritual: pobreza espiritual, desobediência a mandamentos divinos, pecado individual	2	2	4
4. Escolhas individuais dos pobres: falta de empenho para sair da condição em que vivem, falta de aproveitamento de oportunidades, acomodação	-	3	3
5. Pecado estrutural: lógicas malignas que afetam as estruturas sociais	-	2	2
6. Lei natural: dificuldades da existência humana, Deus fez ricos e pobres	-	2	2

Notamos no quadro de respostas a predominância de explicações sem o viés religioso. Fruto de tempos modernos, em que a religião perde o lugar de referência primordial para a compreensão de mundo (SANCHEZ, 2010, p. 30), o aspecto religioso cede lugar à dimensão da escolha, responsabilidade e agir humanos sobre suas ações no mundo. A reviravolta antropocêntrica, defendida por estudiosos como um processo de secularização (WEBER, 2015, BERGER, 1985, PIERUCCI, 2013), promove um deslocamento da fonte de sentido para a vida humana, que passa a ser não mais Deus ou a religião, mas a razão entendida como uma dimensão subjetiva, o que por sua vez leva a uma dessacralização do mundo.

Na medida em que a afirmação do sujeito é a negação das forças impessoais e incontroláveis e a negação da existência de um destino desconhecido e previamente determinado por Deus, o processo de secularização surge, na Modernidade, como crítica e como deslocamento da religião da esfera social para a esfera do sujeito. Dessa forma, a religião fica subordinada à consciência do sujeito e deixa de ter o valor de referência absoluta para a vida social. Como decorrência disso, a instituição religiosa ganha outro significado para o conjunto da sociedade e também para o sujeito. (SANCHEZ, 2010, p.35)

No cristianismo, segundo Berger (1985, p. 90), a interpretação social da história e das ações humanas tornaram-se os instrumentais dominantes pelos quais procura-se racionalizar teoricamente o sofrimento e o mal presentes na realidade. Sob o olhar do Cristianismo, a pergunta chave passou a ser «como os seres humanos puderam fazer isso»? Em vez da pergunta clássica da teodiceia: «como Deus permitiu isso»? Percebe-se concentrada na busca de um sistema de referências ético ou político, e não mais teológico. Voltaremos a esse aspecto mais adiante.

Por ora, procuraremos entender um pouco melhor as tensões envolvidas na questão consagrada pela filosofia sob o título de teodiceia. O termo teodiceia foi cunhado por Leibniz na

obra *Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal* (1710). A grande questão trabalhada pela filosofia desde Epicuro depara-se com a necessidade de entender como o sofrimento e mal subsistem na realidade humana a despeito das afirmações de um Deus onisciente, onipotente e benevolente.

Mas a dificuldade em explicar o sofrimento humano não está limitada ao monoteísmo. A teodiceia é o tema que responde à necessidade de atribuir ordem a um mundo imperfeito dentro de uma lógica coerente que dê sentido à realidade. Segundo Berger (1985, p. 15), toda sociedade humana é um empreendimento de construção de mundo, dentro do qual a religião tem papel destacado. Enquanto produto do homem, a sociedade constrói uma realidade objetiva que fornece um conjunto de normas para dar sentido ao mundo social e abarcar todas as experiências e significações dos indivíduos. Para Berger, viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa, à qual ele chama *nomos*. Por isso, uma ruptura com a ordem social se constitui numa séria ameaça ao indivíduo, instituindo-se os estados de anomia, coletivos ou individuais, que infligem ao indivíduo tensões psicológicas, *tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da socialidade* (BERGER, 1985, pp. 34-35). Assim, a sociedade desenvolve procedimentos para orientar os seus membros dentro dessa ordem protetora e estabilizadora, mantendo distante o caos da anomia. A morte constitui para a sociedade a desestabilização, porque põe em xeque os pressupostos básicos de ordem sobre os quais descansa a sociedade (BERGER, 1985, p. 36).

O papel da religião é trazer esse *nomos* para dentro de uma ordem sagrada, isto é, um cosmos sagrado que será capaz de se manter na presença da precariedade do mundo que desestabiliza a realidade social, especialmente quando esta se depara com o sofrimento, a doença e a morte próprios à condição humana. É então que se desenvolvem as teodiceias. Os fenômenos anômicos, segundo Berger, mais do que ser superados, precisam ser explicados em termos do *nomos* estabelecido na sociedade em questão (1985, p.65). O que se exige não é a solução, mas o significado, fornecido pelas teodiceias: *Não é a felicidade que a teodiceia proporciona antes de tudo, mas significado* (BERGER, 1985, p. 70).

Entretanto, o *nomos* se impõe inclusive nos aspectos discrepantes e penosos da realidade, e exige do indivíduo uma atitude de capitulação de si mesmo perante o poder ordenador da sociedade:

O *nomos* situa a vida do indivíduo numa trama de sentidos que tudo abarca; esta, pela sua própria índole, transcende essa vida. O indivíduo que interioriza adequadamente esses sentidos transcende ao mesmo tempo a si mesmo. Seu nascimento, os vários estágios de sua biografia e, por fim, a sua futura morte podem agora ser por ele interpretados de um modo que transcende o lugar único desses fenômenos em sua experiência (BERGER, 1985, p.66).

Essa transcendência do eu individual e de suas necessidades e problemas torna a dor mais

suportável, inserindo os fenômenos de sua biografia individual dentro de uma ordem correta superior, tal como definida pela sua sociedade.

Toda sociedade exige certa renúncia do eu individual e suas necessidades, ansiedades e problemas. Uma das funções-chave dos *nomoi* é a facilitação dessa renúncia na consciência individual. Há também uma intensificação dessa entrega autonegadora à sociedade e sua ordem que é de particular interesse em relação à religião. É a atitude de masoquismo, isto é, a atitude em que o indivíduo se reduz a um objeto inerte e semelhante a uma simples coisa frente a seus semelhantes, tomados separadamente ou em coletividades ou nos *nomoi* por eles estabelecidos. Nessa atitude a própria dor, física ou mental, serve para ratificar a auto-renúncia até o ponto de se tornar de fato subjetivamente agradável (BERGER, 1985, p. 67).

As teodiceias se expressam em construções teóricas mais ou menos racionalizadas. Enquanto construção teórica, a teodiceia afeta diretamente o indivíduo em sua vida concreta, permitindo que ele integre as experiências anômicas de suas experiências individuais no *nomos* socialmente estabelecido e também na sua consciência individual. (BERGER, 1985, pp. 69-70). Não são apenas os eventos naturais como doença e morte que precisam ser explicados pelas teodiceias, mas também os sofrimentos infligidos uns aos outros pelos indivíduos e pela coletividade. A pobreza econômica ou desigualdade social é um dos tópicos que solicita a explicação das teodiceias.

Uma das funções sociais muito importantes das teodiceias é, com efeito, a sua explicação das desigualdades de poder e privilégio que prevalecem socialmente. Nesta função, é claro, as teodiceias legitimam diretamente a ordem institucional particular em questão. É importante frisar a esse respeito que essas teodiceias podem servir de legitimações *tanto* para os poderosos *como* para os fracos, para os privilegiados *como* para os desfavorecidos. Para estes últimos elas podem, evidentemente, servir de “ópio” para tornar menos miserável sua situação, e justamente por isso impedi-los de se revoltarem contra ela. Para os primeiros, porém, elas podem servir de justificações subjetivas muito importantes para o desfrute do poder e privilégio de sua situação social. Em termos singelos, as teodiceias fornecem aos pobres um significado para a sua pobreza, mas podem também prover os ricos de um significado para a sua riqueza. Em ambos os casos, o resultado é a manutenção do mundo e, de modo muito concreto, a manutenção da ordem institucional particular (BERGER, 1985, p. 71, grifos do autor).

Ao analisar o crescimento inicial do cristianismo, o sociólogo Rodney Stark, na obra *O crescimento do cristianismo* (2008), postula que um dos fatores para a expansão cristã nos três primeiros séculos teria sido justamente a capacidade de enfrentamento das epidemias que assolaram as populações do período clássico da história. Na contramão das análises historiográficas que silenciam sobre as epidemias como fator de ascensão do cristianismo, Stark defende a tese de que as catástrofes do período, em especial a chamada Peste de Galeno, iniciada por volta de 165 d.C (provavelmente varíola) e na terrível epidemia que assolou o mundo romano a partir de 251 d.C (provavelmente sarampo) contribuíram significativamente tanto para o fim do paganismo como para que o cristianismo se tornasse a religião dominante da

civilização ocidental. Para Stark (2008, p.88), o primeiro fator que habilitou o cristianismo a uma melhor performance diante das epidemias teria sido o fato de oferecer uma explicação, podemos dizer, uma teodiceia mais satisfatória do que o paganismo para as catástrofes:

As epidemias fizeram soçobrar a capacidade de explicação e consolação do paganismo e das filosofias helenistas. Em contrapartida, o cristianismo oferecia uma explicação muito mais satisfatória sobre as razões pelas quais aqueles terríveis tempos haviam-se abatido sobre a humanidade. Além disso, o cristianismo delineava uma imagem esperançosa e até mesmo otimista em relação ao futuro (STARK, 2008, p. 88).

Na consulta realizada, predominou uma tendência a explicar as causas da pobreza pela perspectiva sociopolítica por um lado, e por outro, pelas decisões individuais de privilegiados. Ao mesmo tempo em que as respostas repercutem uma análise do senso comum da época caracterizada pelo sistema capitalista e pelo individualismo da modernidade, e nesse sentido os líderes mostram-se alinhados ao espírito de sua época, questiona-se se a religião não tem algo a dizer aos seus fiéis além do que pode ser observado no cotidiano social. Quem deveria tomar nas mãos a responsabilidade por desenvolver projetos que reduzam a desigualdade? Quem deveria atender as necessidades financeiras da imensa população na faixa da pobreza? O momento de pandemia deixou exposta a contradição que o sistema neoliberal apregoa como seu maior valor: a liberdade, que aparece no cenário de catástrofe financeira como *cada um por si*. Para Martins (2020, p. 15):

A necessidade do Estado de garantir ajuda financeira para as pessoas mais pobres e apoio econômico para as pequenas empresas etc., põe em xeque (ao menos momentaneamente) a credibilidade das medidas econômicas liberais que estavam sendo implementadas pelos governos brasileiro e estadunidense antes da pandemia, reduzindo o poder do convencimento da viabilidade de um “Estado mínimo” fundado em um modelo de sociedade baseado no “cada um por si” – visto por alguns como sinônimo de “liberdade”. A chamada mão invisível do mercado fez jus à sua invisibilidade nesta hora de crise na saúde pública (CARVALHO, 2020, p. 43).

Destacam-se nesse sentido duas respostas do tipo 5, vindas de dois pastores batistas de São Paulo, que atribuem a causa da pobreza social ao pecado e a uma lógica maligna: “na minha opinião é resultado da complexa teia que envolve o pecado no coração humano, o pecado de forma estrutural, que é manifestado de forma egoísta nas várias lógicas que reafirmam o outro como objeto da minha exploração e enriquecimento em nome desses pecados e lógicas malignas construídas; o pecado cria injustiças e também a pobreza.” Ainda, causas que atribuem sentido religioso à pobreza foram observadas em quatro respostas, no tipo 3, que atribuem uma relação de causa e efeito para a pobreza: “a pobreza material é consequência da pobreza espiritual em sua origem, por causa da desobediência aos princípios e mandamentos de Deus. É evidente que é preciso separar, nos dias de hoje, depois do pecado original, que ser pobre materialmente não significa ser espiritualmente pobre, pois todos pecaram, por conseguinte, herdamos o mal e a consequência da desobediência (Pastor SP); Jesus disse que sempre existirão os pobres se não

for desprovido de coisas materiais é desprovido de conhecer a Deus. (Padre, RJ); o não conhecimento e vivência do evangelho! Veja as primeiras comunidades descritas nos atos dos apóstolos, viviam todos em comum! “(Padre, RR), “o pecado” (Pastor, SP).

A segunda questão na consulta buscava apurar se houve alguma alteração na concepção de pobreza devido ao impacto da pandemia, se houve revisões, novas explicações para legitimar as desigualdades sociais pela racionalidade. É esse aspecto que avaliaremos a seguir.

2. Pandemia e convicções sobre a pobreza

A pergunta: «Suas convicções sobre a questão da pobreza foram confirmadas, ajustadas ou alteradas em função da pandemia? De que maneira?», obteve 100% das respostas afirmando que as convicções foram confirmadas, aprofundadas, evidenciadas, comprovadas, agravadas, e uma série de sinônimos que demonstram que não houve surpresas nem novos arranjos doutrinários para explicar a pobreza diante da pandemia, e sim reafirmação das convicções já estabelecidas anteriormente para as causas e consequências da pobreza na sociedade, e em algumas respostas, expandidas de forma a englobar ações mais concretas diante dessas convicções. Vimos que, ao serem perguntados quanto a uma reordenação conceitual da pobreza devido à pandemia, as respostas foram unânimes em demonstrar que as convicções pessoais religiosas já obedeciam uma estrutura de plausibilidade à qual foi possível recorrer no momento de se enfrentar a ameaça que se abateu mundialmente sobre as populações. Destacamos como exemplo algumas das respostas: *nunca mudou* (Padre, SP); “minha convicção é anterior à pandemia. Desde minha opção pelo ministério presbiteral” (Padre, SP); “foram confirmadas, comprovadas e agravadas na pandemia (Pastor, SP); sou de periferia, então minhas convicções não mudaram, apenas nos entristecemos mais, pois é a camada da sociedade que mais sofre” (Pastor, SP); “não, a questão da desigualdade só ficou evidente e transparente” (Pastor, SP); “foram confirmadas e só aumentou o que já acreditava” (Pastor, SP); “não foram alteradas. Permanece urgente a necessidade de que todos tenham vida digna” (Padre, SP); “confirmadas. O vírus só confirmou nossas mazelas” (Padre, SC); “reconheço que infelizmente só aumentaram... é o atual perfil da política atual só confirma o quanto a cegueira do ser humano que possui muitos bens acaba prejudicando sempre mais a justiça social e a vida das pessoas por causa de sua visão capitalista” (Padre, RR); “confirmada. Os pobres estão jogados à mercê da história. A pandemia escancarou a situação de miséria do nosso país” (Padre, SP); “sim, confirmadas de que nossa estrutura de mundo civilizado está podre, ajustada [a convicção] e alterada no sentido de construirmos novas formas das relações humanas das relações com o capital, das relações com a espiritualidade e das relações econômicas” (Pastor SP).

Segundo Berger, o poder da religião depende da credibilidade que manifesta exatamente nos momentos em que as pessoas se deparam com a morte, ou, ainda, “quando caminham

inevitavelmente para ela” (BERGER, 1985, p.64). Nossa hipótese inicial a esse respeito sustentava que o impacto da pandemia teria trazido uma reformulação no modo de pensar a pobreza; o que os dados demonstraram, ao contrário, foi o resgate de convicções há muito estabelecidas e que apenas foram acessadas no momento da crise social para confirmar e garantir a manutenção de uma interpretação da realidade. Observamos assim, com Berger (1985, p.64), a precariedade em que os fenômenos anômicos projetam a sociedade, empurrando-a para o caos, caso houver dúvidas sobre as afirmações que definem a realidade. Explica-se assim que os líderes cristãos, como guardiões do *nomos* legitimador da ordem social para os grupos não reconstroem nem refazem o sentido que é oferecido pela religião à realidade, antes buscam nas teorias originais as confirmações de suas convicções para garantir o sentido da vida, especialmente em seus aspectos mais penosos, em um esforço de manutenção de mundo na medida em que não se colocam em dúvida os pressupostos religiosos originais.

Stark contribui ainda mais para corrigir nosso raciocínio inicial: na história, crises produzidas por calamidades naturais ou sociais frequentemente resultaram em crises de fé (STARK, 2008, p.91). Isso ocorre, explica este autor, porque a calamidade cria demandas a que a religião dominante se revela incapaz de atender. Em sua análise do período inicial do Cristianismo, Stark identifica que o paganismo falhou em prover explicações para as epidemias da época, enquanto o cristianismo se diferenciou devido justamente às suas convicções sobre o comportamento esperado de seus seguidores. Enquanto no paganismo o comportamento diante de doenças era o de evitar visitas e evitar qualquer contato com os portadores da doença, no cristianismo a instrução promovia o entrelaçamento de um código ético altamente social com a religião, algo novo diante da concepção religiosa vigente:

O ensinamento cristão segundo o qual Deus amam aqueles que o amam era estranho às crenças pagãs [...] Igualmente estranha ao paganismo era a ideia de que, porque Deus ama a humanidade, os cristãos não podem agradar a Deus a menos que *amem uns aos outros*. Com efeito, como Deus demonstra seu amor por meio do sacrifício, os seres humanos devem demonstrar seu amor mediante o sacrifício *de uns pelos outros*. Além disso, tais responsabilidades deviam ir além dos laços familiares e tribais, efetivamente, a “todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Cor 1,2). Eram ideias revolucionárias. (STARK, 2008, p.100, grifos do autor).

Isso resultou, segundo Stark, em os cristãos terem oferecido atendimento aos doentes, alimento e água, conforto espiritual e esperança no futuro de uma vida pós-morte, ainda que colocando em risco sua própria saúde, o que teria reduzido as taxas de mortalidade não só do círculo interno dos fieis como também de toda a rede social a que esses cristãos estavam relacionados, inclusive os pagãos.

Esse esforço de atendimento básico e humanitário à população, independente de as pessoas assistidas serem ou não participantes das congregações dos líderes consultados, pode ser constatado também nas respostas dadas à nossa consulta. A pergunta semiaberta que inquiria

se houve ações de mobilização promovida pela comunidade de fé em relação aos pobres obteve 100% das respostas positivas no grupo consultado pelo recorte deste artigo, confirmando que houve muita arrecadação e distribuição de alimentos, água, itens básicos de higiene, assistência espiritual e conforto emocional, ofertas financeiras e mais uma série de itens listados como ajuda já rotineira e intensificadas durante a pandemia (ARRUDA, 2020)

Mas que tipo de teologia, ou mais especificamente, teodiceias seriam capazes de oferecer conforto e mobilizar ações diante de uma situação de pandemia nos tempos atuais? Verificaremos a seguir quais os sinais de uma teodiceia sobre a pobreza estão implícitos nos discursos dos sujeitos entrevistados.

3. Teodiceias da pandemia em relação à pobreza

A última pergunta de nosso questionário buscava tocar exatamente no ponto da teodiceia relacionado à questão social no cristianismo. Com a pergunta: Como você entende a frase bíblica: *Sempre haverá pobres na terra* (Dt 15,4-11; citado por Jesus em Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8; Lc 7,36-50)?, procuramos perceber qual a teodiceia implícita nas interpretações oferecidas para o texto bíblico, que em si contém um aspecto ambíguo: a existência dos pobres e a obrigação moral de acolhimento e cuidado como tarefa cristã, isto é, as respostas identificaram *a condição humana de pecado ou de injustiça por um lado, e por outro a necessidade de ações por parte dos cristãos e das instituições religiosas* (ARRUDA, 2020).

Organizamos as respostas dentro de um conjunto de interpretações semelhantes a fim de classificá-las numa tipologia⁵ que pudesse abranger todos os aspectos mencionados pelos consultados. Assim, definimos a partir das respostas do nosso grupo de respondentes seis tipos de teodiceias por meio das palavras mais citadas, que se alternam na fala dos sujeitos consultados, inclusive pelo fato de as perguntas abertas permitiram mais de uma menção. Listamos a seguir as palavras mais mencionadas pelos líderes; em um segundo momento, buscamos a correspondência dos dados levantados com nosso referencial teórico, identificando-as com os tipos de teodiceia que estudamos aqui.

Tabela 2: *Distribuição das teodiceias sobre a pobreza, segundo a opinião de padres católico-romanos e pastores batistas. Brasil, 2020.*

⁵ A tipologia weberiana nos auxilia na compreensão dos fenômenos sociais, desde que considerada, como adverte o autor, como uma tipologia pura, ou ideal, isto é, uma construção metodológica na qual se acentua as características dos acontecimentos em busca de regras gerais sem que isso corresponda necessariamente à realidade (WEBER, 2015, p.13).

INTERPRETAÇÕES PARA A FRASE: <i>Sempre haverá pobres na terra</i> (Dt 15,4-11; citado por Jesus em Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8; Lc 7,36-50)?	QUANTIDADE DE MENÇÕES		TOTAL DE MENÇÕES
	PADRES	PASTORES	
1. Ética social religiosa: a responsabilidade dos cristãos é procurar superar a pobreza com a caridade, amor, partilha, compaixão, escolha pelos menos favorecidos	7	7	14
2. Teodiceia invertida (antropodiceia): a pobreza deve ser combatida; superar a miséria; lutar contra a injustiça; a proposta de Deus é a favor dos injustiçados; ações trazem esperança e libertação	5	5	10
3. Transcendência simples: o pecado é a causa dos males deste mundo; é impossível vencer a pobreza; o mundo foi criado por Deus com ricos e pobres	2	5	7
4. Dualismo: oposição entre duas realidades que convivem, a realidade do mundo e a de Deus; Deus intervém e se manifesta na realidade do mundo	3	2	5
5. Escatologia messiânica: a pobreza existirá apenas neste mundo; a solução está no porvir	2	2	4
6. Retribuição: confirmação da verdade bíblica; a pobreza é resultado do pecado	-	3	3

Pudemos perceber assim as questões suscitadas pela pobreza, especialmente no contexto de pandemia. A pergunta básica que define as respostas cristãs construindo uma teodiceia é: como conciliar a onipotência de um Deus transcendente e todo poderoso, com a imperfeição do mundo? Na sociologia weberiana, o problema da teodiceia encontrou soluções diversas, diretamente relacionadas com a concepção de Deus e com as ideias a respeito de pecado e salvação (WEBER, 2015, p.351). Para uma aproximação das diferentes tentativas de resolver o problema da imperfeição do mundo, Weber desenvolveu assim alguns tipos ideais para as teodiceias: a escatologia messiânica, a crença no além, a crença na providência, a crença na retribuição, a crença na predestinação. Berger (1985) desenvolveu a tipologia weberiana na análise de sua tipologia colocando-a em um *continuum* racional-irracional, isto é, observando as oscilações que as formulações sobre a questão do sofrimento adquirem, vindo da racionalidade para a irracionalidade, diante dos fenômenos anômicos a serem legitimados ou organizados dentro da ordem social.

No polo irracional, Berger situa como primeiro tipo a transcendência simples, não elaborada teoricamente, que identifica o indivíduo com a coletividade. O indivíduo se funde com a coletividade em uma identificação apreendida como congênita e inevitável, tanto na

ventura como na desventura: *o universo inteiro está permeado das mesmas forças sagradas* (BERGER, 1985, p.73), de maneira que a sintonia dos indivíduos com a natureza e a sociedade garante uma continuidade entre as gerações e o significado da existência e da morte é projetado na coletividade, que não morre, mas carrega em si a vida fundamental que está encarnada em cada um de seus membros. A mesma participação de todos na vida de todos, legítima, de igual forma, não somente os sofrimentos e desventuras da vida, mas também as desigualdades sociais que possa haver dentro da coletividade (BERGER, 1985, p. 74). É possível encontrar essa tendência a explicar os fenômenos anômicos pela transcendência simples em respostas que classificamos como tipo 3. De um total de 43 aspectos mencionados nas respostas, houve 7 menções para o tipo 3 (16,2%), onde pudemos observar um viés fatalista, como [significa] “que não tem como mudar isso (Pastor, SP); não podemos ter a pretensão de achar que poderemos acabar com a pobreza no mundo” (Padre, RJ); ou um viés resignado: “onde há ser humano (não justo por essência) haverá desigualdade e, conseqüentemente, pobres” (Pastor, SP); “o pecado das relações humanas” (Pastor, SP); “desde a criação, Deus ensina, mostra e fala, mas nós, seres humanos, insistimos em não obedecer. Logo, a consequência disso é um mundo sempre com pobres” (Pastor, SP).

No outro polo, Berger coloca uma tipologia que explica toda anomia integrada numa interpretação inteiramente racional de causa e efeito, a exemplo do complexo *karma-samsara*, no pensamento religioso da Índia. Toda ação humana tem conseqüências necessárias e as situações da vida são conseqüências de ações passadas.

Segue-se que o indivíduo não tem a quem culpar pelos seus infortúnios senão a si próprio – e, reciprocamente, pode atribuir sua boa sorte unicamente aos seus próprios méritos. O complexo *karma-samsara* depara assim um exemplo de completa simetria entre as teodiceias do sofrimento e da felicidade. Legítima as condições de todos os estratos sociais simultaneamente [...] (BERGER, 1985, p.77).

Nas respostas obtidas pela nossa pesquisa, explicações com um viés na racionalidade foi encontrado na classificação de tipo 6, com três menções (6,9%), que interpreta os fenômenos anômicos como inevitáveis, resultado de escolhas, como: “sempre haverá pobres porque na terra sempre haverá pecado e conseqüentemente decisões egoístas mesquinhas por parte de todas as autoridades e da própria população” (Pastor, SP); “não posso usar os textos apenas para o pobre financeiro, o pobre de espírito nem sempre está condicionado na questão financeira. A falta de compreensão dos reais valores que são necessários faz a pessoa totalmente pobre” (Pastor, SP). Uma das respostas encontra no texto confirmação da veracidade do texto bíblico: “convicção da Palavra de Deus ser verdadeira e não mentir” (Pastor, SP).

Entre os dois polos, figura uma teodiceia que varia em diversos graus de racionalização

teórica: a messiânico-milenarista. De acordo com este tipo ideal, o sofrimento e a injustiça do presente são explicados em relação a uma nominação futura, ou seja, relativiza-se o sofrimento e a injustiça do presente em termos de um futuro glorioso, onde todos os infortúnios serão vencidos. Os fenômenos anômicos são legitimados ao serem reintegrados numa ordem de significado universal posterior à vida (BERGER, 1985, p. 82). A dificuldade desta teodiceia é a refutação empírica, resolvida por tipos intermediários, como a redenção transportada para uma esfera inacessível, oculta; ou a dualista, que concebe o universo como o combate entre poderosas forças do bem e do mal em constante oposição. Nesse caso, os fenômenos anômicos são atribuídos às forças malignas e, portanto, a divindade não pode ser considerada responsável por suas imperfeições (BERGER, 1985, p. 83). Neste caso, o universo é concebido como uma arena de combate entre duas poderosas forças do bem e do mal, tipo mais bem representado nas formações religiosas do antigo Irã. Na religião ocidental, Berger identifica essa tipologia nos gnósticos cristãos, que explicavam os fenômenos anômicos como parte de um mundo caótico, e a redenção se apresenta como o retorno a uma condição para além da realidade empírica. As respostas de nossa pesquisa indicaram nesta tipologia, que classificamos em dois tipos: o dualismo (tipo 4, com 5 menções, ou 11,6%), e a escatologia messiânica (tipo 5, com 4 menções, ou 9,3%). O viés dualista pode ser percebido em: “entendo que precisamos muito da palavra do Senhor e do Espírito Santo de Deus, pois não estou falando de [outras] pessoas, mas olho para minha própria vida, sedento de Deus para não cair no sistema deste mundo/” (Pastor, SP); “olhai os pobres, cuidai sempre deles... será, pois, através deles que eu me manifestarei a vós” (Padre, RR); “parte [sentido] espiritual” (Pastor, SP). Quanto à escatologia messiânica, podemos notar essa tendência em respostas que utilizam da expressão *enquanto houver...*, que pressupõe um período de tempo a partir do qual a pobreza deixará de existir: “enquanto existir o pecado, haverá pobreza/” (Pastor, SP); “enquanto a justiça do homem prevalecer, ou continuarmos pensando em nós mesmos, na segurança apenas dos nossos, haverá um ser humano gritando e se contentando com as migalhas que caem das mesas dos seus donos” (Padre, RR); “haverá homens pobres na terra, porque o resultado do pecado leva a isto, porém, o valor daquele que crê no Sagrado está por vir” (Pastor, SP); “enquanto existir o pecado, haverá pobreza (Pastor, SP); enquanto a injustiça social dominar, produzirá a pobreza” (Padre, SP).

O problema da teodiceia aparece de forma aguda quanto mais a religião se aproximar do monoteísmo, orientada pela concepção de um Deus único, totalmente poderoso e totalmente reto, radicalmente transcendentalizado (BERGER, 1985, p. 86). Torna-se muito mais difícil responder à questão «como pode um Deus bom permitir que coisas ruins aconteçam»? A solução postulada pela cristologia, aqui, se faz essencial:

De fato, sustentamos que, não obstante qualquer possível variação que ele tenha sofrido na história do cristianismo, o motivo cristão fundamental é a figura de

Deus encarnado como resposta para o problema da teodiceia, especificamente para a tensão insuportável desse problema ocasionada pelo desenvolvimento religioso do Antigo Testamento. E, embora a metafísica dessa encarnação e sua relação com a redenção do homem tenham sido formuladas ao longo da teologia cristã, é crucial o fato de que o Deus encarnado é o Deus que sofre. Sem esse sofrimento, sem a agonia da cruz, a encarnação não daria a solução para o problema da teodiceia, ao qual, nós sustentaríamos, ela deve sua imensa força religiosa (BERGER, 1985, p. 89).

A solução desse tipo de teodiceia aparece mais claramente numa postura que Berger nomeia de *masoquismo religioso*, no sentido de autonegação diante da transcendentalidade, muito presente nas religiões bíblicas, especialmente exemplificada no livro de Jó. Diante do Deus poderoso, não há que se questionar os desígnios, e o argumento da teodiceia volta-se para o ser humano, que assume a responsabilidade por todo o mal e pecado, e deve resignar-se em submissão diante do desígnio inexorável de Deus. Este tipo desenvolve-se enquanto atitude fundamental no Islã, e nos primórdios do cristianismo calvinista, com a crença na predestinação (BERGER, 1985, P. 86; WEBER, 2015, p. 354).

Ainda outra questão surge na teodiceia do cristianismo: os acontecimentos do nosso tempo colocam em cheque a credibilidade da teodiceia. Isso porque, segundo Berger (1985, p. 90), a história e as ações humanas tornaram-se os instrumentais dominantes pelos quais procura-se a nomização do sofrimento e do mal. A teodiceia social do cristianismo que, supõe-se, legitimaria as injustiças da sociedade, se converteram de teodiceia em antropodiceia. A pergunta chave passou a ser «como os seres humanos puderam fazer isso»? Em vez de «como Deus permitiu isso»? Concentrada na busca de um sistema de referências ético ou político e não mais teológico. Segundo Berger, as implicações de acontecimentos como o nazismo tiveram como consequência histórica a desintegração da teodiceia cristã na consciência do homem ocidental (BERGER, 1985, p. 91). Para Stark, antes de ser um resultado dos tempos atuais, a própria crença cristã desde sua origem na Palestina já traz esse traço que o diferencia das religiões do paganismo clássico. Amplamente documentado por referências históricas da época, Stark defende que houve desde os primeiros séculos um entrelaçamento de um código de ética altamente social com a religião cristã (STARK, 2008, p. 100).

Percebe-se nas respostas dos líderes consultados a ênfase em tomar em suas mãos a realização da justiça para a ordenação da realidade, aspecto que já havíamos observado na primeira questão analisada, onde predominaram explicações causais para a pobreza colocando o foco nas ações humanas coletivas ou individuais, deslocando a pergunta original da teodiceia para o âmbito pessoal, de escolha, isto é, de responsabilidade completamente humana. Os dois primeiros tipos contemplam dois aspectos dessa teodiceia. O tipo 1 teve 14 menções (32,5%), e o tipo 2 teve 10 menções (23,2%). Somados, representam 55,8% dos resultados, que apontam para uma teodiceia centrada no humano, seja por causar os sofrimentos que se abatem sobre as

pessoas na sua experiência de vida, seja na responsabilidade pessoal de refazer o curso da história humana, redirecionando o caos para a ordem social. As respostas de tipo 1 demonstraram uma interpretação do texto bíblico citado que exige ação social: *sempre haverá alguém que precisa do meu amor* (Padre, SC); “é um dever permanente ajudar os pobres. Jesus não está exaltando a pobreza e sim a solidariedade” (Padre, SP); “para além da pobreza, existe a justiça, a graça e a generosidade de Jesus, que norteia nosso estilo de vida hoje” (Pastor, SP); “orienta sobre a importância do cuidado que os mais favorecidos devem ter em relação aos menos favorecidos (Pastor, SP); Deus ama a todos e todas. E a justiça social faz parte do Reino de Deus” (Pastor, RJ); “a frase não foi escrita para ser uma muleta que justifique a passividade da Igreja para com o pobre” (Pastor, SP); “seremos responsabilizados pela fome e miséria do outro às nossas custas e lucro” (Pastor, SP); “precisamos fazer a nossa parte para ajudarmos os necessitados” (Pastor, SP). Quanto ao tipo 2, podemos perceber que a interpretação de Padres e Pastores são direcionadas a uma crítica social: “a Bíblia é um livro realista. De fato, continua existindo pobreza entre nós. Mas isso não significa que é correto que exista pobreza no mundo” (Pastor, RJ); “isso é uma constatação, uma consequência, mas não a vontade de Deus” (Pastor, SP); “que a igreja deve lutar contra as injustiças, e os pobres são pessoas que lutam contra seu empobrecimento, são pessoas de direito” (Pastor, SP); “o desejo de Deus na Lei sempre foi acabar com a injustiça” (Pastor, SP); “uma frase que precisa ser lida dentro do seu contexto e que jamais deve ser utilizada para justificar a situação miserável dos pobres” (Padre, SP); “repito, jamais a Bíblia vê a pobreza como fatalismo. A frase de Jesus não é determinismo. Jesus deseja a superação da indigência humana” (Padre, SP); “pobres sim, mas não necessariamente miseráveis, alijados de toda e qualquer oportunidade de melhorar suas condições de vida” (Padre, SP); “os pobres são os injustiçados. O Deus revelado é o Deus da justiça, logo, o Deus a favor dos injustiçados. A sua justiça é a sua presença sempre renovada de esperança e libertação” (Padre, SP); “Jesus conhecia bem o coração humano, mas seu projeto de vida era a superação de qualquer tipo de miséria ou pobreza extrema” (Padre, SP).

Conclusão

Catástrofes frequentemente provocam reformulações na maneira de pensar e agir que podem ser decisivas no rumo histórico de uma sociedade. A religião tem papel fundamental na formulação de explicações para legitimar o funcionamento da sociedade, evitar a ameaça da anomia e promover ordem e conseqüentemente, conforto e segurança para seus membros. Na pesquisa realizada, procuramos averiguar através de um questionário de perguntas abertas como as convicções pessoais de padres católico-romanos e pastores batistas de diferentes lugares do

Brasil teriam sido impactadas acerca da pobreza frente à pandemia da Covid19.

As questões que buscamos verificar foram: (1) como os respondentes explicam as causas da pobreza; (2) como a pandemia afetou suas convicções a respeito da pobreza; (3) que tipo de teodiceia está implícita na explicação do texto bíblico de Mateus 26,6-13 na interpretação desses líderes. As hipóteses iniciais da consulta imaginavam que as causas atribuídas pelos líderes cristãos consultados para a pobreza apontassem para fatores sociais e políticos; as respostas confirmaram a hipótese, destacando como principal fator causador da pobreza o aspecto estrutural sociopolítico e econômico, explicação que prescinde do aspecto transcendente, o que demonstra um alinhamento no pensamento dos líderes cristãos consultados ao momento histórico em que vivemos, que recorre a explicações na esfera política e não na religiosa para compreensão do mundo.

Na segunda questão, a hipótese sustentava que o impacto da pandemia teria trazido uma reformulação no modo de pensar a pobreza; os resultados, contrariamente ao que havíamos imaginado, trouxeram afirmações de que as convicções não foram alteradas e sim confirmadas, dadas como certas, sem representar surpresa aos respondentes no que diz respeito à existência da pobreza nas causas citadas. Percebemos a necessidade de afirmações ligadas às explicações originais do sistema de fé, como uma estratégia de manutenção de mundo e constância diante da ameaça de caos suscitada pelo fenômeno anômico, a pandemia.

Por fim, a teodiceia implícita na terceira questão tinha como hipótese uma tendência ao messianismo, entretanto, esse aspecto ocupou apenas a quinta posição em relação às outras tipologias. O que se sobressaiu enquanto explicações para a existência da pobreza permanente foi uma teodiceia centrada no humano, ou como diria Berger, invertida, que coloca como pergunta chave não mais a clássica «por que Deus permitiu isso»? Mas «por que os seres humanos fizeram isso»? E coloca nas mãos dos cristãos já nesta vida a responsabilidade por transformar o mal em bem, por meio do amor e cuidado de uns para com os outros. Os discursos relatados na pesquisa foram confirmados nas ações práticas declaradas por estes líderes em suas comunidades (ARRUDA, 2020), em que a totalidade dos consultados declarou uma intensificação nos atendimentos assistenciais durante os meses de pandemia.

O objetivo da nossa pesquisa foi suscitar a reflexão em relação à pobreza, especialmente no contexto da pandemia. Por ora, uma das respostas obtidas demonstra que nosso objetivo, se não foi totalmente alcançado, contribuiu para ser um início. Depois de sintetizar um pensamento claro sobre as ambiguidades da teodiceia cristã, declarou este pastor de São Paulo: *Depois irei pensar mais sobre essa questão.*

Referências bibliográficas:

Arruda, G.A. The Impact of the Pandemic on the Conception of Poverty, Discourse, and Praxis of Christian Religious Communities in Brazil from the Perspective of Their Local Leaders. *International Journal of Latin American Religions* (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00122-2>. Acesso em 12 nov. 2020.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

CARVALHO, E. M. O uso político da pandemia e a crise diplomática com a China. In: AUGUSTO, C. B. e SANTOS, R. D. (org.). *Pandemias e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

PIERUCCI, A. F. *O desencantamento de mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2013.

SANCHEZ, W. L. *Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2010.

STARK, R. *O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SUNG, J. M. *A graça de Deus e a loucura do mundo*. São Paulo: Reflexão, 2015.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.